

Henriqueta Lisboa: tradução e mediação cultural*

Reinaldo Marques**

Resumo

No presente texto, procura-se pensar a atuação de Henriqueta Lisboa como tradutora, a sua relação de amizade com Gabriela Mistral, com vistas a ressaltar o seu papel de mediadora cultural. Por meio da atividade tradutória, em meados do século passado, Henriqueta Lisboa já contribuía para a aproximação das literaturas do Cone Sul e as trocas interculturais.

Palavras-chave: Henriqueta Lisboa; Gabriela Mistral; Tradução; Trocas interculturais.

Releituras, reavaliações, redescobertas, novos enfoques. São esses os procedimentos a que nos convidam as atividades desenvolvidas por ocasião do centenário de nascimento de Henriqueta Lisboa – exposição, (re)lançamento de livros e CDs, eventos acadêmicos, homenagens. Importa ativar, sobretudo, uma memória crítica, capaz de projetar novas luzes sobre a poesia da poeta mineira. Capaz de surpreender o apelo da contemporaneidade presente no seu trabalho intelectual multifacetado: de poeta, de crítica e ensaísta, de tradutora e de professora de literatura. Nesse sentido, gostaria de retomar o trabalho da tradução em Henriqueta,¹ para acentuar sucintamente o seu papel de mediador cultural. Para tanto, de início, visito a biografia de Henriqueta, recorto alguns momentos de sua trajetória intelectual, para aí apreender as possibilidades e limites de sua atuação como mediadora.

I

Belo Horizonte, setembro de 1943. Poeta já consagrada e morando no Brasil desde 1939, onde representa o governo de seu país, Gabriela Mistral desembarca,

* Trabalho apresentado na PUC Minas, por ocasião de homenagem a Henriqueta Lisboa, pela passagem de seu centenário de nascimento, em 2001.

** Universidade Federal de Minas Gerais.

¹ Veja-se, a propósito, o meu ensaio “Henriqueta Lisboa e o ofício da tradução” (2001).

do carro, na estação Central da capital mineira. Uma comitiva de intelectuais e autoridades locais está a postos para lhe dar as boas-vindas. Henriqueta Lisboa, à frente, cumprindo o papel de anfitriã. Afinal, Gabriela está atendendo a convite que Henriqueta lhe fizera para visitar Belo Horizonte. Convite que antes já havia merecido o beneplácito do prefeito Juscelino Kubitschek e de seu secretário de Educação, Cristiano Machado. Mais ainda, Gabriela está retribuindo a Henriqueta as visitas que esta lhe fizera no Rio de Janeiro, numa demonstração da profunda amizade que une as duas poetas. Amizade que se desdobra em cartas, viagens, traduções, convívio intelectual.

São onze dias de festa para o mundo intelectual, artístico e pedagógico de Belo Horizonte, confessa Henriqueta em depoimento contido em antologia de poemas de Gabriela Mistral por ela traduzidos (MISTRAL, 1969). Gabriela pronuncia duas conferências no Instituto de Educação: uma sobre o Chile e a outra sobre **O menino poeta**, livro de Henriqueta ainda no prelo. Rodeada de poetas e professores, ela conhece a Pampulha recém-inaugurada e aprecia suas obras de arte. Uma noite visita o cassino, mas sem entrar na sala de jogos. A convite de Aires da Mata Machado Filho, vai ao alto do Cruzeiro, de onde pôde apreciar uma maravilhosa vista da cidade, marco da modernidade em Minas. Não sem antes relutar em vista do desperdício de gasolina, então racionada.

São dias também de convívio intenso, de fortalecimento de uma relação pessoal e intelectual que começara por volta de 1940, ano em que Henriqueta conhecera Gabriela numa sessão da Academia Carioca de Letras, no Rio de Janeiro. As poetas trocam impressões de leituras, falam da poesia, discutem filosofia, tratam das questões da guerra, que tanto acabrunhavam a amiga chilena. Trocam livros e dicas de leitura: Henriqueta lhe fala de Valéry; Gabriela lhe recomenda Claudel. Atravessa esse diálogo a amizade comum por Mário de Andrade. Ao se despedir de Belo Horizonte, Gabriela promete voltar. O que não acontece. Mas intensificam-se as cartas trocadas, as de Gabriela preservadas por Henriqueta em seu arquivo de correspondências, hoje no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. E numa delas, depois de lamentar a pouca circulação de seus livros no país, suas dificuldades com a ditadura do Estado Novo, Gabriela confessa: “Yo nunca fué persona grata en Brasil. Minas fué para mí otro mundo y lo recuerdo bien”.

Gostaria de destacar nesse episódio da visita de Gabriela Mistral a Belo Horizonte o papel mediador de Henriqueta Lisboa, colocando em contato a intelectualidade mineira da época com uma escritora de renome internacional, propiciando um diálogo cultural para além das fronteiras nacionais, integrando Chile e Brasil, o Brasil e o mundo. Mediação possível, cabe ressaltar, em função da mobilidade espacial, do deslocamento propiciado pela viagem, possibilitando o encontro delas e de suas realidades locais. Como intelectuais e agentes da transcultural

turação no âmbito da modernidade, tanto Henriqueta quanto Gabriela experimentam o complexo processo das trocas interculturais.

A experiência do deslocamento espacial, propiciado particularmente pelas viagens – tanto reais quanto imaginárias, vale lembrar –, está presente na vida de Henriqueta. Filha de classe média, ela nasce em 1901 na cidade de Lambari, Sul de Minas, onde faz seu curso primário; já o curso normal, ela o fará no Colégio Sion de Campanha, como aluna interna. Nesse colégio, pertencente a uma congregação de freiras francesas, estudará os clássicos da língua portuguesa e francesa. Em 1924 muda-se com a família para o Rio de Janeiro, onde o pai, João Lisboa, exercerá o cargo de deputado federal. Mais tarde, em 1935, muda-se novamente com a família para Belo Horizonte, dado que o pai fora eleito membro da Constituinte Mineira. Nesse mesmo ano Henriqueta é nomeada inspetora federal de ensino secundário. E conta com dois livros de poesia já publicados: **Fogo fátuo** (1925) e **Enternecimento** (1929). Com este último recebe o Prêmio de Poesia Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras.

Essa mobilidade espacial desdobrar-se-á também na mobilidade lingüística, culminando num fecundo trabalho de tradução, que testemunha a presença em Henriqueta de uma profunda atenção ao outro, à alteridade, ao diferente. Trata-se de uma forma de deslocamento ainda, cujos sinais podem ser percebidos na infância da poeta de **Pousada do ser**. Revelador disso é o seu depoimento “O meu Dante”, em que fala de sua experiência como leitora e tradutora de Dante (LISBOA, 1969). Relata Henriqueta que seu primeiro encontro com Dante, mais propriamente um preâmbulo dantesco, se dá na sua meninice. Das cenas do Inferno chegam-lhe as primeiras notícias das camadas imigrantes. É que em Lambari era bastante numerosa a colônia italiana. Assim, se no internato das freiras francesas de Campanha reinavam Racine e Corneille, em Lambari, pela mediação das vozes dos migrantes, Henriqueta acede ao universo de Dante, da sua **Divina Comédia**.

Mais tarde Henriqueta se depara com uma tradução da **Divina Comédia** existente na biblioteca de seu pai, possivelmente do Barão de Villa da Barra, mas que não logrou ler por conta das difíceis inversões sintáticas, estilísticas. Posteriormente, quando já havia estudado a língua italiana, faz nova tentativa de ler Dante, com auxílio da tradução de Machado de Assis de um trecho do Canto XXV do “Inferno” e da de Bartolomeu Mitre, em espanhol. Descobre então a força do ritmo de Dante, o poder escultural de suas imagens, a simetria e a ordem de sua estrutura. Havia começado pelo “Inferno”, mas enamora-se do “Purgatório”, que considera o clímax da **Divina Comédia**.

O ambiente familiar com a biblioteca do pai, o colégio, as vozes dos migrantes, o estudo e conhecimento de outras línguas, a leitura dos clássicos franceses e italianos, as viagens e mudanças – todos esses elementos recortados da biografia de

Henriqueta Lisboa, tratados aqui como biografemas, indiciam as possibilidades de seu papel de mediador cultural. E preparam o seu trabalho como tradutora.

II

Como tradutora de poesia, ela articulará um diálogo intercultural em que as diferenças lingüísticas e literárias se entrecruzam, se chocam e convivem. Experimenta, de modo intenso, o fenômeno sociocultural da mediação, possível tão-somente por conta da existência das diferenças. São estas que viabilizam as trocas, os intercâmbios e a comunicação no generalizado processo da interação. Por outro lado, as diferenças estão atravessadas por questões de poder, pela política, implicando muitas vezes a presença das contradições. A sociedade moderna e contemporânea, particularmente nas grandes cidades, caracterizou-se por uma crescente heterogeneidade sociocultural, pela especialização na divisão do trabalho, e pela diversificação e fragmentação de papéis sociais. Ademais, nela o indivíduo tornou-se a referência básica, evidenciando-se as relações problemáticas entre a subjetividade e o meio social. Especialmente porque a construção da subjetividade resulta do pertencimento e da inserção do indivíduo em diversos mundos culturais e sociais, da absorção de diferentes códigos e estilos de vida. Assim, a plasticidade social, a capacidade de lidar com diferentes códigos, de experimentar diferentes papéis sociais, de atravessar e flexibilizar fronteiras constituem pré-requisitos importantes para que determinados indivíduos possam exercer a função de mediadores (cf. VELHO; KUSCHNIR, 2001).

Nesse contexto, o intelectual, o artista e o escritor freqüentemente cumpriam o papel de mediadores socioculturais. Em seu trabalho, deslocam-se, física ou imaginariamente, por diferentes espaços geográficos e sociais, internos ou externos a certa sociedade, lidando com variados estilos de vida, manejando diversos códigos lingüísticos e comunicacionais, cruzando as fronteiras culturais. Nessa direção, ressalta-se o trabalho da tradução em seu caráter mediador, porquanto supõe rasurar as fronteiras lingüísticas e literárias, integrando diferentes mundos históricos, sociais e culturais. O tradutor opera, desse modo, como alguém permanentemente em trânsito, situando-se nas margens das línguas e das culturas. Coloca-as em diálogo, um diálogo marcado mais por tensões e estranhezas, por descontinuidades e desajustes.

Penso que Henriqueta Lisboa vivenciou de forma lúcida e agônica esse aspecto mediador da tradução, conforme testemunha todo o seu trabalho de tradutora de poesia. Um trabalho que envolvia a leitura, o estudo, a vivência do mundo e da técnica dos autores a serem traduzidos, conforme demonstram seja os ensaios que escreveu sobre alguns deles, seja o diálogo epistolar, seja até mesmo a

amizade pessoal, como no caso de Gabriela Mistral. Como leitora, Henriqueta Lisboa freqüentou de modo mais assíduo a poesia de língua espanhola e a italiana. Traduziu muito Dante (quatorze cantos do “Purgatório”, da **Divina Comédia**, e três sonetos da **Vita Nuova**) e Gabriela Mistral, poeta chilena ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura em 1945. Desta traduziu um total de sessenta e um poemas e sete textos em forma de prosa poética, que constituíram a antologia **Poemas escolhidos** de Gabriela Mistral, edição organizada pela própria Henriqueta Lisboa e publicada pela Editora Delta (1969). Além de Dante e Mistral, a poeta mineira transcreveu em português vários outros poemas de língua espanhola, tanto de poetas espanhóis, como Góngora, Lope de Vega, Rosalía de Castro, Joan Maragall e Jorge Guillén, quanto de hispano-americanos: Delmira Agustini e José Martí. No entanto, em volume maior, além de Dante e de Giacomo Leopardi, do qual traduziu apenas um poema, “L’Infinito”, traduzirá textos de outros dois poetas italianos: Giuseppe Ungaretti (treze poemas) e Cesare Pavese (oito poemas, todos do livro póstumo **Verrà la Morte e Avrà i tuoi Occhi**).

Além da poesia de línguas italiana e espanhola, Henriqueta também traduziu dois poemas do alemão, um de Friedrich Schiller (“Hoffnung”) e um de Ludwig Uhland (“Frühlingslaube”). E mais três poemas da língua inglesa: “The Arrow and the Song”, de Henry Longfellow; “Ars Poetica”, de Archibald MacLeish; e um fragmento do poema “The Apostle”, do poeta húngaro Sándor Petöfi.

Enquanto tradutora de poesia, percebe-se que Henriqueta Lisboa lia muito, infatigavelmente, entregue a uma faina tão própria do intelectual latino-americano. E, borgianamente, operava recortes na tradição literária, no cânone, instituindo seus precursores. Elegia, assim, os poetas e textos de sua predileção e que seriam objeto de tradução. As escolhas dos poetas a serem traduzidos, em Henriqueta, supõem diversas afinidades. Em Dante, admira o poeta do mundo interior, sua permanência e modernidade. Em Gabriela Mistral, atraem-na as ligações entre poesia e magistério. Num e noutra, também os laços entre religião e poesia. Em Giuseppe Ungaretti e Jorge Guillén, identifica-se com o alto grau de consciência sobre o fazer poético.

No ofício de tradutora de poesia, Henriqueta Lisboa revela-se uma leitora atenta e sagaz dos poetas traduzidos. Mergulha amorosamente no mundo e na técnica deles; vivencia intimamente cada poema, cada texto. Mergulho e vivência que a impelem muitas vezes a buscar o convívio e o diálogo epistolar com os autores traduzidos, quando possível. Desse movimento dão testemunho quer os ensaios críticos que elaborou sobre alguns dos autores traduzidos, quer a troca de correspondência com eles, quer ainda o contato pessoal e de amizade.

Desveladores da intensa atividade crítica de Henriqueta sobre os poetas eleitos como objeto de sua tradução estão os ensaios dedicados a Dante, Mistral,

Ungaretti e Guillén. Comportam inúmeras observações sobre o estilo dos autores e o trabalho com a linguagem, sobre suas predileções temáticas e concepções de poesia. No ensaio “Gabriela Mistral” (1955, p. 187-191), dedicado à poeta chilena, Henriqueta aponta o seu paradigma – Santa Teresa – e destaca, na sua obra poética, o poder de síntese, a firmeza de pensamento e a emoção sublimada. Recordta ainda dois símbolos bastante sugestivos e representativos de sua poesia: a pedra e a fruta. A primeira, dotada de peso e densidade, de resistência e duração, e a segunda, tomada em seu aspecto adstringente, amargo; ambas simbolizando o Chile e a América Latina para o mundo, como espaços de resistência e acolhimento.

Quanto a Jorge Guillén, acentua a lucidez de sua poesia, marcada pela lei do equilíbrio estático, pelo domínio da inteligência sobre a inspiração. Uma poesia que valoriza a metáfora, tornando o abstrato em concreto e testemunhando a alegria de viver e a fidelidade ao instante (1955, p. 193-198). Já no ensaio “A poesia de Ungaretti” (LISBOA, 1968, p. 135-143), Henriqueta apreende algumas das características mais significativas da poética ungarettiana: a valorização da palavra pelo silêncio; o poder de condensação e síntese, visível no recurso à metáfora-imagem; o ritmo como força propulsora de seu verso; o desdém pela ordem sintática tradicional e o abandono da rima. Salienta ainda, no poeta italiano, a convergência de paixão e lucidez, bem como sua visão cristã e católica da existência.

Vê-se assim que Henriqueta, em seu ofício de tradutora, transitou por diversas línguas, literaturas e culturas, desempenhando o papel de mediador cultural. Trabalho por meio do qual procurava salvar para a língua portuguesa a poesia de autores clássicos, modernos e contemporâneos, garantindo-lhes uma “sobrevivência” – para se usar um conceito benjaminiano, próprio de sua concepção da tradução como salvação –, capaz de atrair para eles a fama e a glória (BENJAMIN, 1992). Mas, ao transpor para a língua e literatura brasileiras elementos da língua e cultura dos poetas traduzidos, Henriqueta também inscrevia nestas últimas as marcas da nossa língua e cultura, na medida em que não abria mão de sua personalidade artística, não anulava os aspectos criativos na tradução de textos poéticos. Dessa maneira, como tradutora, a autora de **Velário** e **Flor da morte** tensionava os limites das línguas, experimentando a sua estranheza, ao mesmo tempo em que mobilizava e desestabilizava as identidades literárias nacionais. Isso porque, se procurava resgatar, de um lado, as marcas identitárias das línguas e literaturas dos poetas que traduzia, de outro, nelas introjetava elementos da alteridade, da ordem das diferenças lingüísticas e culturais, alterando-as, tornando-as estranhas a si mesmas. Com isso, a atividade tradutória de Henriqueta acaba por problematizar o caráter muitas vezes estático e essencialista das identidades lingüísticas e literárias, no geral percebidas como circunscritas às fronteiras geográficas de um estado nacional.

A plasticidade lingüística, a mobilidade artística e cultural, como a denunciar a natureza esquemática e artificial das barreiras sociais e culturais, parecem garantir o êxito do papel mediador de Henriqueta Lisboa nos contatos e trocas interculturais, especialmente no seu trabalho de tradutora. Trabalho que, não raro, se transforma num intrincado processo de desnaturalização das fronteiras lingüísticas e literárias e num convite à comunhão das línguas e literaturas num patamar superior – similar à noção de uma língua pura, na perspectiva benjaminiana (BENJAMIN, 1992). Aqui, pode-se surpreender um traço de contemporaneidade do trabalho intelectual de Henriqueta. Sobretudo se se leva em conta o contexto atual da globalização, da busca de integração dos mercados, com suas assimetrias e contradições, como no caso do Mercosul. Em meados do século passado, com sua atividade tradutória e à sua maneira, Henriqueta já contribuía para uma integração das literaturas do Cone Sul.

Mais ainda: nessa função de mediador cultural, Henriqueta elabora uma rede de amizades e afinidades literárias, reais ou imaginárias, como demonstram o seu apreço pela poesia de Dante e sua relação de amizade pessoal com Gabriela Mistral. Tanto num quanto noutra podemos encontrar elementos que comprovam a pertinência dos aspectos aqui apontados, relativos ao papel mediador de Henriqueta Lisboa como tradutora. Elementos que podem ser encontrados quer nos ensaios que a poeta mineira escreveu sobre Dante e Gabriela, quer na correspondência mantida com a poeta chilena e no seu depoimento sobre ela, quer ainda no diálogo epistolar travado com Edoardo Bizzarri sobre suas traduções do poeta italiano. É o caso, por exemplo, do problemático recurso aos adjetivos, nas traduções dos cantos do “Purgatório”; de sua tentativa de apreender na obra de Mistral elementos representativos de uma identidade chilena, ou latino-americana, como a pedra e a fruta; de seu papel de anfitriã na visita da amiga chilena a Belo Horizonte, em setembro de 1943 e de sua atividade de ensino, como professora de literatura hispano-americana na antiga Faculdade de Filosofia e Letras Santa Maria, hoje PUC Minas, e na Escola de Biblioteconomia da UFMG.

III

Como conclusão, entendo que o estudo do papel de mediador cultural desempenhado por Henriqueta Lisboa, sobretudo como tradutora de poesia, constitui um espaço importante para se pensar a questão das mediações enquanto lugares de produção dos valores estéticos e culturais. Pela atividade da tradução, dialogando com intelectuais e poetas, Henriqueta afirma valores literários e artísticos, privilegiando uma concepção mais universal, ontológica e metafísica da poesia. Pode-se dizer que procurou afirmar formas mais estáveis de valor.

Hoje, num mundo globalizado, marcado pela compressão tempo-espço, pela interdependência acelerada, pelo encontro e superposição de diferentes culturas, torna-se discutível a afirmação de valores universais: éticos ou estéticos. Observa-se a crise do valor em si, o qual oscila entre a afirmação de formas estáveis e absolutas de valor e o relativismo, que beira à indiferença. Nesse movimento pendular entre a fixidez e o jogo, cabe examinar principalmente, mais que o valor, os processos de valoração, as condições de sua própria produtividade. Nesse contexto de transição e crise em que vivemos, ao lado de certas instâncias tradicionais de reconhecimento e validação do valor artístico e cultural – particularmente disciplinas especializadas como a teoria e crítica literárias, a história da arte –, despontam outras, reguladas pelas leis do mercado, pelo aparato tecnológico, com novas inflexões de poder. Sem esquecer que a reflexão teórico-crítica sobre a literatura, assim como a própria literatura, constitui também espaço de mediação na produção de valores estéticos e éticos. Eis algumas razões, portanto, para se pensar as articulações entre mediações e valores, enfocando-se a atuação de mediadores culturais como Henriqueta Lisboa, a fim de se pensarem as novas cartografias do poder cultural.

Abstract

This paper considers Henriqueta Lisboa as a translator and her friendship with Gabriela Mistral, so as to highlight her role of cultural mediator. In mid 20th century, Henriqueta Lisboa's translation activities were already an important contribution to a contact between the South Cone literatures and to intercultural exchange.

Key words: Henriqueta Lisboa; Gabriela Mistral; Translation; Intercultural exchange.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**. Trad. Karlheinz Barck *et al.* Rio de Janeiro: Gráfica da Uerj, 1992.
- LISBOA, Henriqueta. **Cantos de Dante**: traduções do “Purgatório”. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo, 1969. Caderno n. 7, p. 7-20.
- LISBOA, Henriqueta. **Convívio poético**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955.
- LISBOA, Henriqueta. **Vigília poética**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.
- MARQUES, Reinaldo Martiniano. Henriqueta Lisboa e o ofício da tradução. In: **Henriqueta Lisboa**: poesia traduzida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 7-20.
- MISTRAL, Gabriela. **Poemas escolhidos de Gabriela Mistral**. Trad. Henriqueta Lisboa. Rio de Janeiro: Delta, 1969.
- VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.